

7. Padres e madres misericordiosos

Vimos que para São Bento somente quem sabe cuidar das próprias feridas, é possibilitado de cuidar das feridas dos outros. Este sentido humilde de autoridade reflete o Evangelho. Quando Jesus nos pede: "Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso" (Lc 6,36), nos faz entender que apenas os pecadores que se deixam perdoar pelo Pai, podem ser misericordiosos com os outros. E não devemos esquecer a bem-aventurança da misericórdia: "Bem-aventurados os misericordiosos, porque encontrarão misericórdia" (Mt 5,7). Os misericordiosos são bem-aventurados, porque encontrarão a misericórdia, a qual, eles necessitam por primeiro. Somente quem faz humildemente experiência de necessitar da misericórdia de Deus, dos irmãos e irmãs, pode ser misericordioso com todos. Por isso, creio, Jesus permitiu que São Pedro o renegasse e fizesse, assim, experiência da própria miséria e mesquinhez, e se tornasse consciente até sofrer, até chorar amargamente. Somente assim, Pedro poderia ser consciente da misericórdia infinita do Senhor para com ele, porque Pedro deveria se tornar a máxima autoridade na Igreja, e sem a misericórdia não se tem autoridade, não se é maturo, porque a Igreja está no mundo para a salvação dos pecadores, para transmitir a salvação e a cura, que Cristo morto e ressuscitado, representa para todas as chagas da humanidade.

Quando Jesus pergunta três vezes a Pedro: "Me amas?", é como se lhe oferecesse a oportunidade de voltar à Ele, depois de cada negação. O chamado a amar Cristo, é o caminho que a misericórdia de Deus oferece, a cada pecador para retornar ao Pai. E é aprendendo este caminho de retorno ao Pai misericordioso, que se é possibilitado a ser pastores das ovelhas: "Apascenta as minhas ovelhas!", diz também, três vezes Jesus a Pedro (cf. Jo 21,15-19).

No fundo, Pedro é a primeira ovelha perdida, que Cristo Bom Pastor, foi procurar e trazer de volta ao aprisco. Não foi a centésima ovelha que se perdeu primeiro (cfr. Lc 15,3-7), mas a primeira, ou melhor, o primeiro dos pastores, o primeiro dos apóstolos. E com seu olhar e um diálogo de amor, Jesus o trouxe de volta ao aprisco, para apascentar todo o rebanho. Depois, as ovelhas do rebanho também começaram a se perder, as vezes uma, depois outra. Mas Pedro aprendeu com Jesus, a procurar as ovelhas como ele foi procurado, reencontrado e conduzido de volta ao aprisco, ele primeiro.

Quando São Bento pede aos irmãos culpados, de ir se acusar diante do abade e da comunidade, não é como se os enviasse diante de uma parede ou de uma multidão anônima, que deve apenas ouvir. Os envia a um padre e aos irmãos, a uma madre e às irmãs, isto é, os faz "voltar para casa", em família, e o abade e a comunidade, têm um papel a desempenhar diante da humilde acusação de si, do irmão culpado, um papel de misericórdia, pelo menos na oração por este e no carinho, com o qual, o recebem, o perdoam e continuam seu caminho comunitário, juntos. É quase como na parábola do filho pródigo: o retorno do irmão mais novo e seu pedido de perdão, envolvem também o irmão mais velho: também deve ir mais a fundo no mistério da misericórdia do pai, deve se converter, para se tornar misericordioso como seu pai.

Os membros da comunidade devem se lembrar, que também cada um entrou no mosteiro, como filho perdido que foi reencontrado, que cada um veio de um lugar distante para reentrar em casa, e fez experiência do abraço do pai. Quem não tem esta consciência de si

mesmo, diante do irmão que errou, significa que ainda não voltou, realmente, para casa, que o mosteiro e a comunidade não são ainda a casa do Pai, onde se sentiu renascer para a nova vida.

Este é o grande problema dos fariseus do tempo de Jesus e de todos os tempos, que se sentem os primeiros na casa de Deus, que se sentam na primeira fila no templo, mas que na realidade, nunca entraram como filhos perdidos, que a misericórdia de Deus reencontrou e faz reviver. Quem não faz a experiência da misericórdia do Pai, não faz experiência de reviver, portanto é como se não fosse consciente de estar vivo, vivo da vida nova e eterna, que Cristo nos concede viver Nele, como filhos adotivos do Pai.

Ser filhos adotivos, significa fazer a experiência consciente de nascer para a vida. Quando nascemos de nossa mãe, não estamos conscientes de nascer e viver. Mas quando Deus nos adota como seus filhos e filhas em Cristo, é como um parto consciente. Tornamo-nos conscientes de estar vivos, de poder viver, plenamente, uma vida nova. Quando entramos no mosteiro, é para fazer esta experiência. A vida comunitária, deveria ser uma experiência consciente da vida, pela qual, nascemos e a qual, renascemos com o batismo. Mas é uma experiência que se faz somente encontrando a misericórdia de Deus, e por isso uma comunidade cristã e monástica, é viva e fecunda, somente se faz e transmite a experiência da misericórdia.

Por isso que é tão importante, que quem tem a responsabilidade na comunidade, seja antes de tudo, especialista de misericórdia. O abade deve ser um homem de misericórdia, porque é somente assim que edifica uma comunidade fraterna. Como dizia, São Bento não lhe pede para ser perfeito, mas para ser consciente de suas misérias e da própria necessidade de misericórdia, de suas feridas e sua própria necessidade de ser cuidado. O capítulo 2 da Regra, que trata, extensamente, sobre como deve ser o abade do mosteiro, termina com esta frase muito significativa: "Enquanto com suas exortações subministra a emenda aos outros, consegue ele próprio emendar-se de seus vícios." (RB 2,40)

Isto significa, precisamente, que o abade também tem seus vícios, defeitos para corrigir. Também vive sempre em um processo de conversão, correção. Também tem constante necessidade de perdão, de misericórdia. Mas é servindo a misericórdia de Deus para com a comunidade, que aprofunda a misericórdia para si mesmo, acolhe, sempre mais, também para si.

A coerência de vida que São Bento pede ao abade, está a serviço de uma correção misericordiosa dos irmãos. Deve ensinar com as palavras, mas sobretudo com o exemplo. E o exemplo que pode sempre dar, é aquele de reconhecer, por primeiro, a própria fragilidade e mostrar que, por primeiro, precisa de misericórdia. São Bento no capítulo 2, lhe lembra, então, do famoso ensinamento de Jesus sobre a correção fraterna: "Vias o cisco no olho de teu irmão e não viste a trave no teu próprio olho?" (RB 2,15; cf. Mt 7,3). O abade deve, então, iniciar seu ministério pastoral de guia e correção, para acompanhar os irmãos na conversão, da disponibilidade humilde, de acusar a si mesmo. Por que assim, não se limita a mostrar aos irmãos o caminho da vida, não se limita a descrevê-la, como se explicasse uma rota no mapa, mas a percorre ele primeiro, e percorrendo-a, guia todo o rebanho para adentrar nela. O caminho do bom Pastor, começa pela consciência da sua necessidade de misericórdia.